



Banabuyé
304 Anos

A Arcádia



Esperança
91 Anos

Órgão de história – Publicação Mensal
historiaesperancense@gmail.com

ANO III Quarta-feira, 01 de novembro de 2017 N° 29

GRITOS DA FEIRA

A feira é o ambiente mais cultural que existe, cujo evento se repete a cada semana. Nela encontramos figuras folclóricas, personagens deste teatro ao ar livre que muitas vezes passa despercebida do grande público.

Nas mais variadas apresentações, cada um a seu modo faz o seu show angariando a atenção dos consumidores já tão acostumados com gírias, trejeitos e jargões populares.

São os “gritos da feira” que de tão tradicionais hoje se tornam inaudíveis. Em nossa pesquisa antropológica recolhemos algumas dessas falas, com a cooperação do amigo Janilson Andrade que inclusive fez os versos que ilustram essa postagem.

Mas não basta falar. As palavras soltas ao vento não produzem o alcance desejado. O objetivo do feirante voltar os olhos dos clientes para os seus produtos e isso exige uma entonação de voz característica de um canto orfeônico. Além disso, o seu conteúdo

deve possuir um tom de anedota possui o tempero que alegra a freguesia.

Pois bem. Entre os vendedores ambulantes é comum se ouvir os seguintes chamados:

O vendedor de raiz, grita: “*Folha de boldo, sena, cravo, canela, erva doce e papaconha*”.

Tem o “homem da cobra” que se destaca por esse animal da nossa fauna

guardado em uma caixa. Este vende uma pomada que serve pra tudo: de dor de dente até hemorroida. O problema é o cidadão usar num canto e depois querer passar no outro.

A sua fala é

constante, daí o ditado popular: “*Fala mais do que o homem da cobra*”.

O carroceiro – pode ser criança ou adulto – chega bem cedo, antes mesmo das cinco horas da madrugada, com a seguinte fala: “*Olha o carroceiro. Olha o carroceiro, meu povo. Olha o carroceiro famoso*”.

O verdureiro diz: “*Coentro, alface, cebolinha é um real*”. E complementa: “*Moça bonita não paga, mas também não leva*”.



[Continua na segunda página>>>](#)



EXPEDIENTE:

A Arcádia - Jornal de história
Publicação Mensal - Ano III, N° 29
Redatores: Rau Ferreira/Hauane/Heloise
Contato: historiaesperancense@gmail.com
Aceita-se produção textual e contribuições:



Gritos da Feira...



Muito conhecido é o vendedor de coxinha numa caixa de isopor, que diz: “Olha a coxinha da minha irmã, quem quer a coxinha da minha irmã”.

O peixeiro segue com sua mercadoria num balaio, circulando pela feira: “Olha o peixe...”, enquanto o povo responde: “Fresco!”.

O canto do pedinte também é conhecido: “Uma esmola pelo amor de Deus... Uma esmola pela caridade”.

Esses são alguns dos sons da feira, há muitos outros que precisam ser catalogados. E me contou Janilson que próximo a seu comércio tem um comerciante que vende ovos e vizinho uma banca que vende uva, fazendo-me os versos de repente:

“Já tem um banco vendendo ovo.
O vizinho do lado, vendendo uva;
Pra não perder a piada,
Fica gritando: Ovo e uva boa”.

O cacófato (Oh viúva boa) pode causar muita confusão. Mas a feira tem dessas coisas, do bêbado ao seu final, da mulher-dama atacando os aposentados, o vendedor de santinhos, das panelas de barro, do troca-troca até a venda de passarinho que muitas vezes é interrompida pelo “rapa” do Ibama.

A feira de Esperança

A feira de Esperança sempre representou um marco do nosso comércio. Pessoas advindas de várias cidades da nossa região acorrem à feira livre para se abastecer de alimentos, roupas, calçados e outros produtos citemos: Areal, Montadas, Lagoa de Roça, Remígio, Algodão de Jandaíra e diversas localidades rurais.

A cidade se desenvolveu a base do comércio, desde há muito promissor. Segundo Irineu Joffily, Esperança por sua feliz situação foi escolhida para o estabelecimento de uma feira de gêneros alimentícios, que foi a sua origem, nos idos de 1860, e que na época era “bastante frequentada”. (Notas: 1892, p. 208).

Pedro Pichaco e o pau da fogueira

Véspera de S. Pedro. O velho pichaco tinha que aprontar das suas. Percorria as fogueiras da rua de baixo, uma a uma pegando lenha:

- *É uma promessa que eu fiz! Fazer uma fogueira sem comprar pau algum. Quem puder ajudar tudo bem; quem não puder não faz mal, acerte lá com o santo* – dizia o mandrião.

Mas ninguém se opõe quando o dito é promessa, pois sendo assim a vergonha é justificada:

- *É prá alcançar uma graça* – dizia Eulália, filha de Benedito.

- *É ‘paga’ de promessa, num posso negar* – exclamava Josefa.

- *Coitado, tem tanta fé esse moço...* concluía Severina.

E recolhendo de pau em pau fazia uma grande fogueira, gabando-se dos seus irmãos que teria comprado por tanto e tanto mais; enquanto Honório desconfiado, olhava de rabo de olho:

- *Estória é esse Pedro, comprasse coisa nenhuma. Será que não te conheço!!*

- *É, comprei não – confessou o fanfarrão* – peguei na rua de baixo, foi paga de promessa!

- *Promessa, irmão?*

- *Fiz uma promessa pra mim mesmo que esse ano fazia fogueira sem gastar um tostão, besta quem acredita.*

Assim aprontava das suas, se é verdade não sei. Parafraseando Chicó: “Só sei que foi assim.” (Índio Banabuyé)

Página de arte.....



Legenda:

Desenhos: A Miss Baby e A Natureza (Heloíse, 6 anos)

Pluma

O repuxo iluminado é uma linda rosa de ouro, esperando o meu noivado para o teu cabelo de ouro

Silvino Olavvo

In: Cysnes, 1924

A Arcádia entrevista: Moleque



Antonio Viturino, conhecido por “Moleque” é uma das pessoas mais simpáticas e conhecidas da nossa cidade. No auge de seus 85 anos, casado com dona Maria de Souza Viturino e

pai de cinco filhos (Galba, Marquinhos, Dalvina, França e Raimundo) - de sapateiro a jogador de futebol e músico, fez de tudo um pouco na sua vida.

Começou a trabalhar muito cedo, aos doze anos de idade. A profissão de sapateiro quem lhe ensinou foi Toinho Leiteiro, ofício que ainda hoje exerce todo sábado na praça da rua Manuel Jesuíno, por trás do Poliedro Hotel no centro de Esperança.

Neste ponto está há mais de 40 anos, consertando sapatos, pregando solas e dando aquele brilho. O zelo é tanto que os calçados nas mãos de Moleque parecem novos. Mas só trabalha até as onze horas do dia. “Meu horário é especial!”, diz todo satisfeito.

Seu Antonio lembra das antigas oficinas que empregavam muitos artesões na cidade. As sapatarias de Joaquim Galdino, Benedito e Michelo, eram as mais equipadas. Na época esta era a principal atividade do município, daqui saíam sapatos para Araruna, Cacimba de Dentro e Alagoa Grande. Na segunda-feira os sapateiros

costumavam se vestir de branco e festejar a sua tradicional folga.

“Trabalhei com Michelo na rua de Areia e Joaquim Galdino aqui mesmo quando este beco era mais estreito. A segunda para nós era dia de São Sapateiro, ninguém trabalhava, passávamos o dia ouvindo música e tomando umas pela cidade”, comentou.

Nas chuteiras ele dá um trato todo especial, talvez lembrando os bons tempos do antigo “Campo de Lagoa” quando o América ainda era cercado de aveloz: “A madeira, quem deu, foi Sindulfo Alcoforado, o major da Maniçoba que era cunhado de seu Edmilson Nicolau. E nós fomos buscar lá no sítio”.

Moleque jogou no América de Zé Ramalho e no Santa Cruz de Gino como volante, e atuou na equipe de Humberto de Michelo o que lhe trás grandes recordações. Foi dele o gol de empate no final do segundo tempo na partida que o “Mequinha” disputou contra o Itabaiana, que terminou 2 a 2.

Mas na sua opinião um dos melhores resultados foi o score de 2 x 1 do América contra o Ingá de Bacamarte, time do maestro José Alves.

Apesar de aposentado, Moleque ainda toca pratos na Filarmônica 1º de Dezembro, sendo um dos músicos mais antigos da banda. Nesses 44 anos em que participa fez diversas apresentações pelo Estado, colecionando juntamente com os demais integrantes as seguintes colocações: 1º Lugar em João Pessoa; segundo em Bananeiras e terceiro na cidade de Areia.